



**Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Presidente Prudente - SP**

**MANIFESTAÇÕES AGRESSIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
ESTUDO COM BASE NA TEORIA WINNICOTTIANA**

VIVIANE BARROZO MANFRÉ

Presidente Prudente

2018

VIVIANE BARROZO MANFRÉ

**MANIFESTAÇÕES AGRESSIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM
ESTUDO COM BASE NA TEORIA WINNICOTTIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial à aprovação no Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, campus de Presidente Prudente, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Andreia Cristiane Silva Wiezzel.

Presidente Prudente

2018

M276m Manfré, Viviane Barrozo
Manifestações agressivas na educação infantil:
um estudo com base na teoria winnicottiana / Viviane
Barrozo Manfré. -- Presidente Prudente, 2018
58 p. : fotos + 1 CD-ROM

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Presidente Prudente
Orientadora: Andreia Cristiane Silva Wiezzel

1. Manifestações agressivas. 2. Criança. 3.

Winnicott. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente.
Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

VIVIANE BARROZO MANFRÉ

**MANIFESTAÇÕES AGRESSIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO
COM BASE NA TEORIA WINNICOTTIANA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Andreia Cristiane Silva Wiezzel

Prof. Dr. Fabio Camargo Bandeira Villela

Prof. Dr. Paulo Roberto Brancatti

Presidente Prudente

2018

Dedico este trabalho à minha família, que sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida, que, com muito amor, carinho e apoio constante, não mediu esforços para que eu chegasse até a presente etapa. Para todos vocês minha eterna gratidão e todo o amor do mundo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por conceder a oportunidade de cursar uma graduação em uma universidade pública, com sabedoria, discernimento e paciência, iluminando meu caminho sem nunca me desamparar.

Agradeço à minha família, por todo carinho, força e incentivo, por acreditar e investir em mim, sempre me apoiando nos momentos de dificuldades. O cuidado, a dedicação e a presença constante de meus pais e de minha irmã no decorrer desta trajetória, em muitos momentos, significaram a base para eu seguir esta caminhada com esperança, sem desistir, com segurança e com a certeza de que não estou sozinha e de que sou capaz de alcançar meus objetivos. Também, agradeço por eles terem sido pacientes comigo, pois, em muitos momentos do dia-a-dia, as demandas acadêmicas tomavam a maior quando não toda parte de meu tempo, culminando em abdicar de estar com eles aos finais de semana, ir às festividades ou a outros eventos, para, assim, me dedicar aos estudos.

Agradeço às minhas primas e amigas, por entenderem a minha ausência em algumas situações, devido às demandas acadêmicas, ao me aconselharem, ouvindo os meus desabafos, além de poder, também, compartilhar angústias e alegrias, tornando, assim, o caminho mais fácil.

Agradeço, em especial, à minha orientadora que tenho como exemplo de pessoa, de profissional e de pesquisadora. Sou extremamente grata por tê-la em minha vida, pelo companheirismo de caminhada desde o primeiro ano de curso, por me proporcionar esta vivência da pesquisa na graduação de forma ímpar, sempre se preocupando, fraternalmente, com aspectos que vão além da faculdade, equilibrando minha ansiedade e me aconselhando de maneira tão carinhosa e especial. Ao mesmo tempo em que havia exigência no rigor do cumprimento da pesquisa e do presente trabalho, sua agenda sempre estava aberta, com disponibilidade para orientações, mesmo com excessivos afazeres e compromissos. Muito obrigada pelos conselhos, incentivos, pela torcida, pela confiança ao longo de nossas orientações e, principalmente, pelos ensinamentos diários. Nossas conversas, durante as reuniões de orientações e além delas, foram fundamentais para minha formação pessoal e acadêmica! Gratidão!

Agradeço a todos os professores da graduação que contribuíram para a minha formação acadêmica e pessoal, compartilhando seus saberes e, juntos, construindo conhecimentos.

Aos professores membros da banca examinadora Prof. Dr. Fabio Camargo Bandeira Villela e Prof. Dr. Paulo Roberto Brancatti, pelas contribuições enriquecedoras e construtivas a este trabalho. É um prazer tê-los em minha banca.

No caso de qualquer indivíduo no início do processo de desenvolvimento emocional, há três coisas: em um extremo há a hereditariedade; no outro extremo há o ambiente que apoia ou falha e traumatiza; e no meio está o indivíduo vivendo, se defendendo e crescendo.

(Winnicott, 1983)

RESUMO

Uma das principais queixas de educadores que atuam na educação infantil é a manifestação excessiva de agressividade pelas crianças, o que tem interferido na aprendizagem e desenvolvimento social delas. O objetivo geral da pesquisa consistiu em investigar as possíveis causas de manifestações agressivas de uma criança de escola de educação infantil e realizar intervenção no sentido de contribuir à qualidade de suas relações interpessoais. Para tanto, teve como objetivos específicos: 1 – Identificar as dificuldades de relacionamento apresentadas pela criança; 2 – reconstruir sua história de vida; e 3 – proporcionar à criança momentos de acolhimento, expressão e possível elaboração de conflitos por meio da atividade lúdica. O método utilizado foi a pesquisa qualitativa, tendo em contribuição a psicanálise, em especial o referencial teórico de Winnicott. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas entrevistas com a professora e pais, observação participante e atividades lúdicas com a criança. Os dados foram analisados a partir da escolha dos brinquedos, formas de manipulação dos mesmos e verbalizações da criança. A partir da análise dos dados coletados e da teoria estudada, pode-se concluir que João encontrou nas brincadeiras a possibilidade de trabalhar sentimentos e conflitos, repetindo no brincar as situações cotidianas, trabalhando com dados da realidade, da fantasia, e, ainda, se divertindo.

Palavras-Chave: Manifestações agressivas. Criança. Winnicott.

ABSTRACT

One of the main complaints of educators working in early childhood education is the excessive manifestation of aggression by children, which has interfered in their learning and social development. The general objective of the research was to investigate the possible causes of aggressive manifestations of a preschool children and to intervene in order to contribute to the quality of their interpersonal relationships. To do so, it had specific objectives: 1 - Identify the relationship difficulties presented by the child; 2 - rebuild your life history; and 3 - provide the child with moments of welcome, expression and possible conflict-building through playful activity. The method used was the qualitative research, with contribution to psychoanalysis, especially the theoretical reference of Winnicott. As instruments of data collection, interviews with the teacher and parents, participant observation and play activities with the child were used. The data were analyzed from the choice of toys, ways of manipulating them and verbalisations of the child. From the analysis of the collected data and the theory studied, one can conclude that John found in the jokes the possibility of working feelings and conflicts, repeating in playing everyday situations, working with reality data, fantasy, and, if amusing.

key-words: Manifestations. Child. Winnicott.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Fachada da Escola Municipal de Educação Infantil de Presidente Prudente em que foram realizadas as atividades relatadas na presente pesquisa.....	32
Figura 2 -	Acesso às salas de aulas	33
Figura 3 -	Pátio	33
Figura 4 -	Corredor que dá acesso à Brinquedoteca	34
Figura 5 -	Rampa de acesso ao pátio e às salas de aula	34
Figura 6 -	Brinquedoteca escolar	35
Figura 7-	Caixas de brinquedos disponibilizadas durante os encontros lúdicos	37
Figura 8 -	Caixas despertam a curiosidade do aluno no 1º encontro	42
Figura 9 -	Exploração das caixas de brinquedos no 1º encontro	43
Figura 10 -	Inconstância nas brincadeiras do 6º encontro	43
Figura 11-	Brincando com massa de modelar no 9º encontro	47
Figura 12 -	Brincadeira de mobiliar a casinha no 11º encontro	47
Figura 13 -	Brincando com massinha no 12º encontro	50
Figura 14 -	Brincando com o carro de polícia no 17º encontro	52
Figura 15 -	Modelando massinha no 18º encontro	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo dos encontros lúdicos (1º ao 6º encontro).....	40
Quadro 2 - Resumo dos encontros lúdicos (7º ao 11º encontro)	45
Quadro 3 - Resumo dos encontros lúdicos (12º ao 15º encontro)	59
Quadro 4 - Resumo dos encontros lúdicos (16º ao 19º encontro)	51

SUMÁRIO

1 MEMORIAL	14
2 INTRODUÇÃO	17
3 JUSTIFICATIVA	20
4 WINNICOTT E OS ESTUDOS SOBRE A AGRESSIVIDADE	21
5 A MANIFESTAÇÃO DA AGRESSIVIDADE NA ESCOLA	27
6 METODOLOGIA	31
6.1 Procedimento	35
7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	37
7.1 Caracterização do sujeito	37
7.2 Entrevista com a mãe	38
7.3 Entrevista com a professora	39
7.4 Encontros lúdicos na Brinquedoteca	40
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
9 REFERÊNCIAS	57
10 ANEXO	58

1 MEMORIAL

Presidente Prudente, interior de São Paulo, doze de maio de mil novecentos e noventa e sete: local e data onde tudo começou. Pertencço a uma família humilde, de classe média baixa, filha de pais que não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica, devido às condições financeiras. Aos quatro anos, ingressei na escola pública de Educação Infantil, no bairro onde resido até hoje. Toda minha trajetória escolar foi realizada em escola pública, no distrito onde moro. O referido distrito, situa-se na zona norte da cidade, em uma localidade considerada periférica.

Aos quatorze anos, iniciei minha carreira profissional por intermédio do programa “Aprendiz Cidadão”, oportunizado pela Casa do Pequeno Trabalhador. Meu primeiro emprego consistiu em trabalhar como recepcionista na unidade de Estratégia de Saúde da Família (ESF), localizada no próprio bairro onde vivo. A jornada de trabalho era de seis horas diárias e cursava o Ensino Médio, no período noturno. Essa primeira experiência profissional teve duração de dezoito meses. Posteriormente, na condição de estagiária, ingressei em uma escola de cursos profissionalizantes, com a carga horária de seis horas diárias, desenvolvendo funções na secretaria da instituição de ensino.

Em 2014, estando a cursar o último ano do Ensino Médio, prestes a encerrar minha trajetória na Educação Básica, emergiram diversos questionamentos e preocupações a respeito de qual carreira acadêmica gostaria de seguir. Um de meus sonhos, até então, era cursar a graduação em uma universidade pública, mas, qual curso fazer? Diante dessa situação, procurei conversar com os professores que ministravam as disciplinas do Ensino Médio. Muito deles me interrogaram sobre o que eu gostava de fazer e, a partir de diálogos e pesquisas, descobri que minha prioridade era cursar pedagogia, devido às experiências que tive em minha trajetória escolar e, também, à admiração por essa profissão. Felizmente fui aprovada no vestibular e, em 2015, ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia, período vespertino, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – FCT/UNESP. Outro elemento a ser mencionado no que se refere ao aspecto de cursar uma graduação é o fato de

que sou a primeira pessoa de minha família a realizar este sonho. Durante toda a minha trajetória escolar, minha família sempre tiveram carinho comigo, me apoiando e incentivando a nunca abandonar os estudos, procurando constantemente adquirir novos conhecimentos.

No primeiro ano de curso, busquei participar ativamente em eventos realizados na própria instituição e também em espaços externos à ela. Pode-se citar como exemplos, participação em palestras, seminários, encontros, congressos, mesas redondas, minicursos. Além disso, tendo em vista meu interesse pela área de pesquisa, voltada para a Psicologia da Educação, busquei informações a respeito de professores que realizavam estudos nessa área de interesse e então comecei a participar de um projeto. Nesse projeto, considera-se que as crianças em idade escolar enfrentam conflitos internos que podem ser responsáveis por manifestações agressivas ou timidez em sala de aula. Nesse contexto, busca-se investigar o impacto de atividades lúdicas aos estados emocionais das crianças com a intencionalidade de contribuir com suas relações interpessoais.

No segundo semestre de 2015, fui contemplada com uma bolsa do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID. Nessa ocasião, participei do subprojeto de Licenciatura em Pedagogia, na área da Matemática. As atividades foram desenvolvidas no período de agosto de 2015 a agosto de 2017. O referido programa visa o incentivo e a valorização do magistério, bem como o aprimoramento do processo de formação de discentes – futuros docentes para a educação básica.

No segundo semestre de 2016, participei de pesquisa de Iniciação Científica sem Bolsa (ICSB), vinculada ao CNPq, intitulada Manifestações agressivas na Educação Infantil: um estudo de caso. O objetivo geral desta pesquisa consistiu em identificar as possíveis causas de manifestações agressivas de uma criança em sala de aula e realizar intervenção lúdica no sentido de contribuir uma qualidade de suas relações interpessoais.

No final do mês de setembro, início do segundo semestre do terceiro ano, fui contemplada com a bolsa de iniciação científica do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – CNPq. No projeto denominado, *Criança agressiva na educação infantil*: um estudo sobre sua subjetividade e entorno o objetivo

central foi construir uma caracterização das crianças que manifestavam (o comportamento da) agressividade, levando-se em conta seus aspectos subjetivos e fatores intrínsecos e extrínsecos à escola, de forma a conhecê-las profundamente. A partir do conhecimento produzido, foram discutidas possibilidades de atuação de pais e professores de modo a auxiliarem as crianças em suas dificuldades de relacionamento.

Considerando o impacto das pesquisas referentes à agressividade infantil à minha formação acadêmica, a partir do interesse pessoal e da relevância do tema, o leitor encontrará neste Trabalho de Conclusão de Curso uma condensação dessas pesquisas. Este trabalho constitui o fechamento de um ciclo de estudos e a abertura de possibilidades em caminhos diversos.

2 INTRODUÇÃO

Cada vez mais, são frequentes queixas de profissionais da educação infantil acerca das crianças que apresentam manifestações agressivas em sala de aula, interferindo em sua aprendizagem ou na do grupo. Trata-se de uma temática que se configura como difícil de ser investigada e trabalhada, pois apresenta muitas variáveis a serem consideradas e compreendidas.

A compreensão dos fenômenos que englobam as manifestações agressivas requer o conhecimento do desenvolvimento emocional humano, já que a agressividade pode ser manifestada de diversas formas e em várias etapas do desenvolvimento do sujeito.

As manifestações agressivas, caracterizadas como dificuldades de relacionamento, podem estar relacionadas à experiência e vivência de cada criança, ou, também, envolver fenômenos estritamente internos que estejam relacionados a patologias.

Muitos autores se propuseram a buscar definições para as manifestações agressivas, na tentativa de esclarecê-las. Dentre eles, encontram-se os que seguiram o viés psicanalítico, discutindo esse fenômeno no desenvolvimento da criança desde cedo.

Baggio (1985) ressalta que a agressividade é um fenômeno importante de ser estudado e compreendido, pois para ele:

É óbvio que o comportamento agressivo representa um problema de extrema gravidade e importância para a humanidade. Com o aumento progressivo nas últimas décadas dos instrumentos de destruição, com as circunstâncias da vida urbana e da superpopulação nas grandes cidades, o potencial destrutivo do homem tornou-se ainda mais perigoso. Consideramos, pois, este tema como dos mais importantes a serem tratados pela Psicologia do Desenvolvimento, pois é de importância crucial para a própria sobrevivência da espécie humana que se compreendam os mecanismos pelos quais a agressão é adquirida e mantida, para que possa controlá-la. (BAGGIO, 1985, p. 153).

Para o autor, definir a agressividade consiste em um problema. Na tentativa de encontrar uma definição, recorreu a autores como Dollard, Doob, Miller, Mowrer e Sears (1939, apud BAGGIO 1985, p. 153): “A agressão é

qualquer sequência de comportamentos, cujo objetivo é causar dano à pessoa a quem é dirigida”. A partir dessa definição, compreende-se que a agressividade está intrinsecamente associada à ação de causar dano.

Baggio (1985) explica que a agressividade instrumental recebeu poucos estudos e ênfase, mas ressalta que se não for estudado esse tipo de agressão, qualquer ato em uma guerra, por exemplo, pode ser considerado como instrumental e não violento, ou de fato agressivo. Conforme o autor, a agressão hostil pode ser compreendida como uma ferramenta que resulta em sofrimento de outrem.

Segundo Freud (1997, p. 81), “[...] a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva original e auto-subsistente, e retorno à minha opinião de que ela é o maior impedimento à civilização”. Diante do exposto, compreende-se que, para o autor, o obstáculo da civilização reside no fato de que todos seres humanos possuem um instinto agressivo e hostil para com todos e todos com cada um. “Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte [...]” (FREUD, 1997, p. 81).

Conforme o autor, os seres humanos possuem dois instintos: instinto de vida e o instinto de morte. Este último, por sua vez, pode converter-se em destrutivo quando é externalizado a objetos. A partir dessa destruição externalizada, o sujeito consegue encontrar um alívio benéfico ao seu organismo.

Winnicott, em suas obras, se dedicara ao estudo e compreensão da agressividade e destrutividade, aspectos inerentes à natureza humana. Conforme o autor, a ideia central em estudar a agressividade consiste no fato de que, se a sociedade vive em perigo, esse perigo não decorre da agressividade em si, mas, sim, de sua repressão. Para o autor, a agressividade encontra-se relacionada ao amor primitivo, bem como suas formas de expressão.

A agressividade não é concebida como algo ruim ou necessariamente patológico, uma vez que constitui força necessária aos processos adaptativos do ser humano. Segundo Winnicott (1982), quando as fases iniciais do desenvolvimento emocional ocorrem bem, a agressividade pode se converter em fonte de energia para realizar diversos trabalhos como a arte, brincadeira, estudo etc.

Segundo o autor:

Pode ser que uma criança tenda para a agressividade e outra dificilmente revele qualquer sintoma de agressividade, desde o princípio, embora ambas tenham o mesmo problema. Acontece simplesmente que essas duas crianças estão lidando de maneiras distintas com suas cargas de impulsos agressivos. (WINNICOTT, 2005, p. 103).

Com base na concepção, na organização de seu mundo interno, a criança busca manter aquilo que ela sente como benigno, mas, há momentos em que ela sente que é preciso externalizar algo ruim, visando eliminá-lo. Trata-se de um fenômeno inerente ao ser humano e desde cedo é vivenciada pela criança, em sua relação com a mãe. Os movimentos dos bebês ainda na barriga de suas mães não podem ser considerados como agressividade. Até então, tratam-se de uma atividade motora, em que a criança está se movimentando e, de repente, se depara com algo: a barriga da mãe. Cumpre ressaltar que a agressividade “é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens” (WINNICOTT, 2005, p.94).

Na perspectiva winnicottiana, verifica-se que a agressividade é entendida como um fator inerente ao ser humano, um movimento natural de expor seus pensamentos e desejos, e, ainda, se configura como uma forma de aprendizagem sobre o conhecimento do mundo real. Portanto, a agressividade é necessária para que a criança se adapte e adquira segurança no início de sua vida.

A agressividade além de ser um mecanismo de fonte de energia do indivíduo, colabora para a percepção da realidade externa do bebê, isto é, o estabelecimento daquilo que “é o eu” e daquilo que “não é o eu”, desde muito cedo. “A agressão está sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu”. (WINNICOTT, 2005, p. 104)

As crianças que apresentam manifestações agressivas, possuem algumas características de comportamento, a saber: não obedecem às regras sociais no contexto em que se encontram inseridas (por exemplo, em casa, na escola, dentre outros locais); apresentam baixa tolerância à frustração, possuem explosões de raiva frequentes, não obedecem aos pais, têm dificuldades em interagir socialmente, em alguns casos, apresenta insucesso escolar, agride os colegas, os pais e os professores (de forma física e/ou verbal). Também, acabam

sendo evitadas pelos seus pares por medo, o que amplia seu mal estar e exclusão social.

A partir da breve apresentação acerca do que consiste a agressividade, adotou-se neste trabalho os pressupostos da teoria winnicottiana para referendar a pesquisa aqui apresentada com uma criança da educação infantil.

3 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa é relevante à medida que busca compreender a agressividade, isto é, como ela se origina, como se desenvolve e como se manifesta em sala de aula. Com relação à agressividade, há muitos trabalhos no Brasil, mas a maior parte deles se limita à questão do *bullying*, indisciplina, ou visam apenas delimitar como a agressividade ocorre em sala de aula ou como os professores se posicionam diante dela.

As atividades desenvolvidas como voluntária no projeto *Relações Interpessoais na escola* contribuíram para despertar o meu interesse em investigar o tema. Durante as atividades do projeto, ficou clara a preocupação de pais e professores em relação à situação das crianças, que praticavam ataques físicos e verbais, na maior parte do tempo, na instituição. Por este motivo surgiu o interesse em compreender melhor as manifestações agressivas, com a intenção de utilizar os conhecimentos produzidos para auxiliar as crianças, pais e professores.

No decorrer da minha participação no projeto, percebi que alguns professores, apesar de considerarem a interferência de aspectos emocionais nos comportamentos em sala de aula, se restringem à especulações, muitas vezes como forma velada de se desresponsabilizarem pelas crianças.

O que quero mostrar com este trabalho, é que a escola precisa representar um ambiente em que à criança seja possível um desenvolvimento integral, assim como nos mostram as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica– DCNEB (BRASIL, 2010), portanto, as questões que envolvem as relações interpessoais – e a agressividade – precisam ser consideradas nesse contexto.

Por isso, reitero que a escolha do tema da agressividade na educação infantil se justifica pelo fato de buscar descobrir aspectos/elementos desta tendência humana que, não raras vezes, não é compreendida pelos profissionais da infância. Almejo que as reflexões presentes neste trabalho contribuam para os profissionais da educação, de modo a orientar suas práticas pedagógicas, visando desenvolver uma prática educativa de qualidade, compreendendo, respeitando e orientando as crianças.

O objetivo geral da pesquisa consiste em investigar as possíveis causas de manifestações agressivas excessivas de uma criança de escola de educação infantil e realizar intervenção no sentido de contribuir à qualidade de suas relações interpessoais.

Para tanto, tem-se como objetivos específicos: 1 - Identificar as dificuldades de relacionamento apresentadas pela criança; 2 – reconstruir sua história de vida; e 3 – proporcionar à criança momentos de acolhimento, expressão e possível elaboração de conflitos por meio da atividade lúdica.

O trabalho está organizado em três grandes partes. Na primeira, apresenta-se a fundamentação teórica; na segunda, os aspectos metodológicos são delineados e, à terceira parte está reservada à apresentação e discussão dos dados, fechando-se o texto com as considerações finais.

4 WINNICOTT E OS ESTUDOS SOBRE A AGRESSIVIDADE

Conforme relatado na obra *Privação e Delinquência* (2005), Donald Woods Winnicott (07/04/1896 – 25/01/1971) foi médico pediatra e psicanalista, exercendo sua atividade profissional em clínicas e hospitais, sendo que, no contexto de clínica privada, as crianças eram levadas por seus pais e/ou responsáveis para serem consultadas. No início de sua experiência profissional, Winnicott sempre evitou atender crianças que eram consideradas delinquentes, pelo fato de não se sentir preparado para tais situações e, também, pela ausência de recursos no hospital para trabalhar com esses casos. Acreditava que, antes de atender as crianças delinquentes que necessitavam muito mais do que uma mera assistência clínica, deveria adquirir experiência no atendimento de crianças e pais comuns, no ambiente familiar e local.

No entanto, quando surgiu a Segunda Guerra Mundial, foi impossível a Winnicott evitar os casos de delinquência, visto que agora havia chegado o momento de mergulhar em novas experiências para além daquelas que havia adquirido na clínica. Enfrentando os desafios da delinquência, tendo a responsabilidade de atender casos individuais, Winnicott assumiu a Consultoria de Evacuação, sendo nomeado como Psiquiatra Consultor do Plano de Evacuação Governamental, numa instituição localizada na Inglaterra. As crianças atendidas por Winnicott eram aquelas que não podiam ficar mais em seus lares comuns - frente às situações intoleráveis pelas quais estavam passando -, antes mesmo da guerra. Por isso, em alguns casos, talvez a guerra tenha trazido benefícios a essas crianças, por propiciar a elas ajuda e alívio.

Nesse contexto, Winnicott precisou enfrentar os problemas resultantes da desintegração familiar, vivenciando os efeitos de perda: separação, destruição e morte. Na tentativa de compreender as reações pessoais e os comportamentos delinquentes das crianças, ele trabalhou com uma equipe local e, visto que essas crianças não tinham mais lugares para onde ir, a preocupação central voltou-se em como mantê-las e ajudá-las.

Tal equipe era composta por psiquiatra, assistente social e administradores dos lares (ao todo, eram cinco lares) destinado às crianças que eram consideradas muito perturbadas para serem colocadas nas casas de famílias comuns. Winnicott visitava os lares uma vez por semana. Os demais membros da equipe, vivenciavam os impactos da confusão e desespero das crianças, resultantes dos problemas comportamentais. Winnicott, ao visitar os lares semanalmente, registrava cuidadosamente a situação de cada criança e do stress causado aos membros da equipe. Durante as visitas, Winnicott discutia os casos com os membros da equipe e o que fora feito. Após tais discussões, Winnicott e Clare Winnicott (assistente social e irmã de Winnicott) tentavam chegar a uma conclusão sobre o que estava acontecendo, culminando em algumas teorias temporárias.

O trabalho com as crianças delinquentes, oportunizado pela experiência da guerra, influenciou os conceitos de Winnicott acerca do crescimento e desenvolvimento emocional; conseqüentemente, começaram a surgir suas teorias sobre a tendência antissocial. Membros da comissão da Consultoria de

Evacuação, administradores dos locais, órgãos públicos envolvidos e os pais das crianças, frequentemente eram informados sobre o efeito da separação e perda sobre elas e, também, como estavam se desenvolvendo as instituições na tarefa de ajudá-las. Winnicott era pessoa principal nesse projeto, pois o colocava em prática e o fazia funcionar, reunindo e articulando as experiências de todos os membros da equipe, atribuindo significados, oferecendo suporte e ajuda para esses membros a manterem a sua estabilidade emocional no convívio com as crianças delinquentes, em um período cada vez mais extenso.

Apesar do contexto em que foram produzidos, os conhecimentos obtidos a partir de tal experiência podem ser aplicados a casos gerais, uma vez que os problemas resultantes da privação e delinquência se evidenciam em qualquer circunstância e de forma previsível. Winnicott ressalta a importância de um ambiente que seja suficientemente bom, humano e forte para conter a agressividade das crianças antissociais/delinquentes, necessitadas de cuidados.

Winnicott (1982) destaca que a base para um desenvolvimento emocional saudável perpassa o vínculo materno. Para que os bebês cresçam e se tornem adultos seguros, independentes e saudáveis, é importante assegurar uma boa experiência inicial, por meio do amor entre a mãe e o seu bebê, sendo essa relação iniciada ainda no ventre.

Portanto, torna-se fundamental a mãe acreditar em si mesma, necessitando apenas da ajuda técnica da medicina, visto que o bebê precisa de tudo aquilo que ela faz naturalmente, despreocupada e dedicada à sua missão de ser mãe. A primeira forma de amor que o bebê consegue reconhecer, portanto, são os cuidados físicos da mãe para com ele.

Segundo Winnicott (1982), o bebê possui fantasias associadas à excitação e à alimentação. O ato de mamar é permeado por elementos agressivos e destrutivos. Quando a criança está excitada, em suas fantasias, ataca o corpo da mãe e o seio materno, não percebendo que o corpo que está atacando é o mesmo que ela aprecia quando está tranquila. Tal agressividade está associada ao ato da alimentação e sobrevivência, não há a intenção de destruir. Assim, inicialmente “existe uma voracidade teórica de amor ou amor apetite-primário” (WINNICOTT, 2005, p. 97). Nesse caso, amor refere-se ao amor - boca.

Winnicott (1982) ressalta a importância da mãe sobreviver aos ataques do bebê:

O fato dela continuar sendo uma pessoa viva, na vida do bebê, torna possível à criança descobrir aquele sentido nato de culpa que constitui o único sentimento apreciável de culpa e a principal fonte do impulso urgente para consertar, para recriar e dar. Há uma sequência natural de amor implacável, ataque agressivo, sentimento de culpa, senso de preocupação, tristeza, desejo de corrigir ou consertar, construir e dar; esta sequência é a experiência essencial da infância, em suas fases iniciais, mas não pode converter-se numa coisa concreta se a mãe, ou quem por ela execute suas funções, não puder conviver com a criança em todas essas fases e assim possibilitar a integração dos vários elementos. (WINNICOTT, 1982, p. 123).

O crescimento e desenvolvimento do bebê ocorrem de forma gradual. À mãe cabe oportunizar o ambiente adequado para que tal desenvolvimento ocorra da melhor forma possível. Todos os aspectos físicos do bebê estarão bem, se o seu desenvolvimento emocional estiver ocorrendo naturalmente.

Winnicott (1982) utiliza o termo “mãe suficientemente boa” para se referir à mãe que se adapta adequadamente às necessidades do seu filho, já que a criança pensa ter domínio sobre os objetos externos (algo extremamente necessário no início de sua vida) pelo fato dessa satisfatória adaptação da mãe. A base para a criança aceitar a realidade externa é a mãe obedecer a ela, atendendo suas necessidades. Portanto, os desejos e as expectativas da criança são atendidos graças a um mundo constituído pelos cuidados maternos, até que, aos poucos, a criança possa ser desiludida.

Para Winnicott (2005), as relações humanas são estabelecidas a partir de dois aspectos essenciais: amor e ódio. Desde o nascimento do bebê, tais elementos encontram-se presentes intensamente no íntimo do ser humano. Dentre as tendências humanas, as manifestações agressivas são as mais difíceis de identificar suas origens, visto que, na maioria das vezes, a agressividade é atribuída a fatores externos, sendo desviada para outras atividades, ficando camuflada.

É fundamental para o desenvolvimento da criança que ela vivencie a agressividade primária numa fase em que necessariamente não precise sentir arrependimento, para que, assim, possam ser estabelecidas bases melhores e mais sólidas para sua saúde mental. A agressividade é vivida pela criança de

forma muito intensa nos primeiros anos de vida. Ao manifestar a agressividade, a criança não tem ideia dos motivos e por isso fica angustiada, tendo em vista que forças intensas e contraditórias estão atuando em seu inconsciente.

[...] quando as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças de amor, o indivíduo tem de fazer alguma coisa para salvar-se, e uma das coisas que ele faz é pôr para fora o seu íntimo, dramatizar exteriormente o mundo interior, representar ele próprio o papel destrutivo e provocar seu controle por uma autoridade externa. (WINNICOTT, 2005, p. 99).

Para que a criança possa alcançar um equilíbrio, ela necessita, portanto, do auxílio de seus cuidadores, pois há situações em que “é tarefa do adulto impedir que essa agressão fuja do controle, proporcionando uma autoridade confiante, dentro de cujos limites um certo grau de maldade pode ser dramatizado e usufruído sem perigo”. (WINNICOTT, 2005, p. 101)

Neste contexto, a criança necessita encontrar uma forma para manifestar a agressividade sem causar danos reais, ou seja, sem destruir e/ou machucar o outro. Gradativamente, conforme o desenvolvimento vai acontecendo, emerge a capacidade da criança se responsabilizar pelos seus atos, se colocando no lugar do outro, de não querer machucá-lo.

Para Winnicott (2005):

[...] toda agressão que não é negada, e pela qual pode ser aceita a responsabilidade pessoal, é aproveitável para dar força ao trabalho de reparação e restituição. Por trás de todo jogo, trabalho e arte está o remorso inconsciente pelo dano causado na fantasia inconsciente, e um desejo inconsciente de começar a corrigir as coisas. (WINNICOTT, 2005, p. 101).

Para Winnicott (1982, p. 36) as relações que a criança estabelece com as outras pessoas serão bem sucedidas se ela obtiver êxito na relação inicial com sua mãe quando bebê: “[...] a única base autêntica para as relações de uma criança com a mãe e o pai, com as outras crianças e, finalmente, com a sociedade, consiste na primeira relação bem sucedida entre a mãe e o bebê [...]”

Winnicott (1982) orienta:

Se as crianças precisam de um bom lar normal com que se identificarem, também necessitam profundamente de um lar estável e de um ambiente

emocional estável em que possam ter a oportunidade de realizar firmes e naturais progressos, no devido tempo, no decorrer das fases iniciais do desenvolvimento. [...] o amor dos pais não é, simplesmente, um instinto natural que conservam dentro deles próprios, mas algo que uma criança precisa absolutamente que lhes deem. (WINNICOTT, 1982, p. 118).

As experiências satisfatórias oriundas de um lar emocionalmente estável, são fundamentais para que a criança adquira a capacidade de envolvimento com as pessoas e, ainda, se responsabilize pelos elementos agressivos, próprios de sua natureza.

Assevera Winnicott (2005) que, quando há ausência ou participação deficiente da mãe nos estágios iniciais de desenvolvimento da criança, as mudanças graduais em seu desenvolvimento ocorrerá de forma brusca e imprevisível.

Ao acompanhar a criança, com sensibilidade, através dessa fase vital do início do desenvolvimento, a mãe estará dando tempo ao filho para adquirir todas as formas de lidar com o choque de reconhecer a existência de um mundo situado fora do seu controle mágico. Dando-se tempo para os processos de maturação, a criança se tornará capaz de ser destrutiva e de odiar, agredir e gritar, em vez de aniquilar magicamente o mundo. (WINNICOTT, 2005. p. 109).

Explica Winnicott (2005) que os estágios iniciais do desenvolvimento emocional são marcados por diversos conflitos. A criança desenvolverá vários testes em seu lar, visando desorganizá-lo, principalmente se tiver alguma dúvida à respeito da estabilidade do ambiente e de seus familiares. A criança sossegará e irá brincar se o lar conseguir suportar tudo o que ela fizer. Com isso, ela terá consciência “[...] de um quadro de referência se quiser sentir-se livre e se quiser ser capaz de brincar, de fazer seus próprios desenhos, ser uma criança irresponsável”. (WINNICOTT, 2005, p. 129).

A criança que não vivenciou experiências satisfatórias, decorrentes de um ambiente estável, não possuirá um quadro de referência. Geralmente tende a ficar angustiada, buscando segurança em outros lugares quando ainda tem esperanças, ou seja, procura uma estabilidade e controle externo, recorrendo aos demais familiares, amigos e escola.

Conforme destaca Winnicott (2005), como resultante de falha ambiental, surge a tendência antissocial. Esta tendência se refere à privação/perda de uma boa relação, resultando em sofrimento e angústia, que alteram o processo do

desenvolvimento emocional. A criança tivera um bom início, porém, em sua perspectiva, tudo com o que contava, agora lhe falta. Diante disso, a tendência se caracteriza como uma tentativa de recuperar e/ou redescobrir um ambiente suficientemente bom e/ou uma mãe suficientemente boa.

O roubo, sendo a principal característica da tendência antissocial, associa-se, frequentemente, à mentira. A criança que rouba um objeto não desfruta do mesmo, pois ela não está em busca do mesmo, mas sim, da figura da mãe e do amor desta, que foi perdido.

[...] Quando uma criança rouba açúcar, ela está procurando a boa mãe, de quem ela tem o direito de tirar toda a doçura que houver. De fato, essa doçura é a própria criança, pois ela inventou a mãe e a doçura desta a partir de sua própria capacidade para amar, a partir de sua própria criatividade primária, seja ela qual for. Também procura o pai, se assim podemos dizer, que protegerá a mãe de seus ataques contra ela, ataques realizados no exercício de amor primitivo. Quando uma criança rouba fora de casa, ainda está procurando a mãe, mas procurá-la com maior sentimento de frustração e necessitando cada vez mais encontrar, ao mesmo tempo, a autoridade paterna que pode pôr um limite ao efeito concreto de seu comportamento impulsivo e à atuação das ideias que lhe ocorrem quando está excitada. (WINNICOTT, 2005, p. 131).

Uma vez apontados alguns aspectos gerais que envolvem a agressividade para Winnicott, encontrar-se-á, algumas considerações em relação às manifestações agressivas no contexto escolar.

5 A MANIFESTAÇÃO DA AGRESSIVIDADE NA ESCOLA

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2010, p. 7), quando se trata do acolhimento das crianças na escola, apresenta a seguinte concepção:

As crianças provêm de diferentes e singulares contextos socioculturais, socioeconômicos e étnicos, por isso devem ter a oportunidade de ser acolhidas e respeitadas pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade.

Diante do exposto, verifica-se que as instituições escolares recebem uma diversidade de crianças, com características bastante peculiares. A partir dessa heterogeneidade surgem demandas de vários tipos em sala de aula, o que requer

dos educadores capacidade de compreensão para entender e trabalhar com essas crianças.

A educação infantil, cujo objetivo central é o desenvolvimento integral da criança, se configura como um importante contexto de socialização, já que a criança, teoricamente, sai do núcleo familiar primário e passa a se relacionar com o grupo escolar. Nesse momento, ela poderá passar por dificuldades de relacionamento em sala de aula, entre essas, a agressividade.

A agressividade geralmente acarreta apreensão nas pessoas que estão à volta da criança, seja na família ou nas instituições escolares, gerando inúmeras discussões controversas sobre como lidar com suas manifestações. A escola de educação infantil depara-se diariamente com casos em que crianças, cada vez menores, apresentam manifestações exageradas de agressividade, demandando um trabalho de maior acolhimento e orientação.

Conforme Winnicott (2005), dificuldades relativas à agressividade estão na maior parte das vezes relacionadas a aspectos emocionais, o que leva a criança a buscar no ambiente escolar formas de auxílio, utilizando, para isso, manifestações agressivas para que as pessoas a ajudem a retomar seu desenvolvimento emocional.

Como já mencionado, assevera Winnicott (1982, 2005) que um bom desenvolvimento emocional da criança decorre de experiências satisfatórias apoiadas em um ambiente suficientemente bom. Os impulsos destrutivos se transformam em fontes de energias, para a realização de atividades (trabalho, arte, brincar, etc.), sem que a criança perca a capacidade de manifestar agressividade nos momentos necessários.

Se porventura ocorrer alguma falha nesse processo, a criança poderá desenvolver algumas dificuldades emocionais, caracterizadas por timidez, agressividade até a tendência antissocial. Portanto, se o ambiente em que a criança vive não for estável e facilitador, isso poderá se refletir em seus comportamentos na escola.

Winnicott (2005) explica que, diante de um caso de separação da criança e da mãe, quanto menor for a criança, mais graves serão as consequências e diversos sentimentos serão despertados de forma intensa, pois sua capacidade de manter viva a lembrança de alguém é menor, tendo facilidade de esquecer a

pessoa, se ela não a vir em determinado tempo. Nesse período de desenvolvimento, é difícil a separação da mãe e da criança, ocasionando variados sintomas na criança, bem como um sentimento de ódio muito forte e, ao mesmo tempo, de culpa, visto que, quando sentiu ódio, não teve a oportunidade de expressar esse sentimento. Visando a uma melhor compreensão do caso exemplificado por Winnicott (2005, p. 18):

A investigação mostrou que não era fácil para Eddie reencontrar a mãe, visto que, na época da separação, ele a odiara, não sendo capaz de extrair da presença e do sorriso dela a certeza de que ela podia continuar viva e carinhosa, apesar do ódio dele.

Sabe-se que, atualmente, cada vez mais, as mães são convidadas a se separarem por determinado tempo de suas crianças, devido às demandas profissionais e sociais que lhes são colocadas, tendo, assim, que deixá-las aos cuidados de outras pessoas, seja algum parente, amigo, babá ou em uma instituição escolar.

Em seu livro, Winnicott (2005) faz menção a respeito de um trecho retirado de uma monografia escrita por Dr. Bowlby, cujo tema é o efeito da separação do lar e, especificamente, da própria mãe, sobre o desenvolvimento emocional de bebês e crianças pequenas, a saber:

[...] “não são lousas das quais o passado pode ser apagado com um espanador ou uma esponja, mas seres humanos que trazem em seu íntimo suas experiências anteriores e cujo comportamento no presente é profundamente afetado pelo que aconteceu antes”. Citando números convincentes, ele pôde mostrar como a separação pode aumentar a tendência para o desenvolvimento de uma personalidade psicopática. (WINNICOTT, 2005, p. 192).

Diante do exposto, compreende-se que o esquecimento dos pais, principalmente a separação da mãe, causa impactos na vida da criança que influenciarão todo seu desenvolvimento emocional. De acordo com Winnicott, (2005, p. 196) “[...] quando o lar é suficientemente bom, é o lugar mais apropriado para a criança crescer e desenvolver-se.” Dessa forma, ao estudar o desenvolvimento emocional de determinada criança, é importante identificar e compreender quando, em algum momento, houvera ambiente bom, porém, fora desfeito, ou até mesmo, quando este nunca existiu. Os efeitos decorrentes de

ambos os casos são fáceis de serem reconhecidos, pois pode ter o ódio reprimido ou haver a perda da capacidade de amar. Com isso,

[...] Instalam-se outras organizações defensivas na personalidade da criança. Pode ocorrer a regressão para algumas fases anteriores do desenvolvimento emocional que foram mais satisfatórias do que outras, ou pode haver um estado de introversão patológica. É muito mais comum do que se pensa ocorrer uma cisão da personalidade. Na forma mais simples de cisão, a criança apresenta uma vitrine, ou uma metade voltada para fora, construída com base em submissão e complacência, ao passo que a parte principal do eu, contendo toda a espontaneidade, é mantida em segredo e permanentemente envolvida em relações ocultas com objetos de fantasia idealizados. (WINNICOTT, 2005, p. 199).

Quando ocorre falha ambiental, a criança passa a ter angústias, fica inquieta e, caso ainda tenha esperanças, irá à procura do lar e às relações que lhes faltaram, fora de casa, procurando estabelecer um vínculo de confiança com alguém, seja um parente, um vizinho ou o professor. A criança sempre irá em busca de auxílio em espaços nos quais se sinta segura e perceba uma preocupação com ela.

Sendo a *escola maternal* é um desses espaços, sendo concebida por Winnicott (1982) como uma extensão da mãe, já que divide com essa, os cuidados necessários à criança pequena. Por isso, a escola precisa estabelecer um bom vínculo com as mães, visando a desenvolver uma relação de confiança e colaboração.

A professora tornar-se-á muito importante na vida da criança, uma vez que esta irá reviver as relações estabelecidas no lar, com a professora. No entanto, Winnicott (1982) alerta para o fato que somente quando a criança teve um bom início, caracterizado por um ambiente satisfatório, a professora de educação infantil terá maior propensão em obter êxito em sua prática docente. Quanto menor a criança, maior será a necessidade de estabelecer uma relação próxima com a mãe. Uma vez que a mãe apresenta a realidade externa ao seu filho, cabe à professora de educação infantil estabelecer e fortalecer o vínculo com a família da criança e oportunizar as relações pessoais da última.

Segundo Winnicott (1982), a unidade escolar recebe dois grupos característicos de educandos, sendo eles: crianças que tiveram em seus lares experiências satisfatórias e crianças que não tiveram tais experiências devido à

algumas falhas no ambiente familiar. O primeiro grupo consiste em crianças que conseguem administrar os mais diversos sentimentos que possuem, estando melhor estruturadas internamente, sendo mais capazes de se apropriarem dos benefícios do ensino propiciado pela escola.

Em contrapartida, o segundo grupo vai até a escola, em busca de encontrar um ambiente estável e, a partir das necessidades de desenvolvimento de cada educando, a escola precisa atender tais demandas, propiciando a eles o sentimento de segurança e confiança de que necessitam.

Frente às situações, cabe à escola compreender que, para algumas crianças, o âmbito escolar não será, prioritariamente, um espaço de ensino e aprendizagem, pois, de acordo com suas necessidades de desenvolvimento e dificuldades emocionais, elas não conseguirão se apropriar efetivamente do ensino que lhes está sendo oferecido. Ou seja, essas crianças estarão frequentando a escola não para obter êxito no processo de ensino e aprendizagem, mas, sim, para estabelecer vínculos satisfatórios, que não estão tendo em seus lares. Isso significa dizer que as crianças estão à procura de pessoas externas que cuidem delas e as ajudem a lidar com seus aspectos internos.

6 METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa, conforme Bogdan e Biklen (1982 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.13), “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Segundo Triviños (1987):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento – chave. [...] A pesquisa qualitativa é descritiva. [...] O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa. [...] Na pesquisa qualitativa, de forma muito geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações. [...] As informações que se recolhem, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados. (TRIVIÑOS, 1987, p.128-131).

A riqueza da pesquisa qualitativa consiste no fato de que, considerando os objetivos a serem alcançados, é proposto investigar o movimento das pessoas e analisar o contexto na qual elas se encontram inseridas, pois influenciam muito em suas formas de ser e sentir. Assim, a ênfase nessa abordagem metodológica não recai sobre o resultado, mas sim sobre todo o processo.

Participou da pesquisa uma criança do sexo masculino, de 4 anos de idade, de uma Escola Municipal de Educação Infantil da cidade de Presidente Prudente – SP.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FCT – Unesp (Processo nº 045860/2014). Os pais e professores envolvidos assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

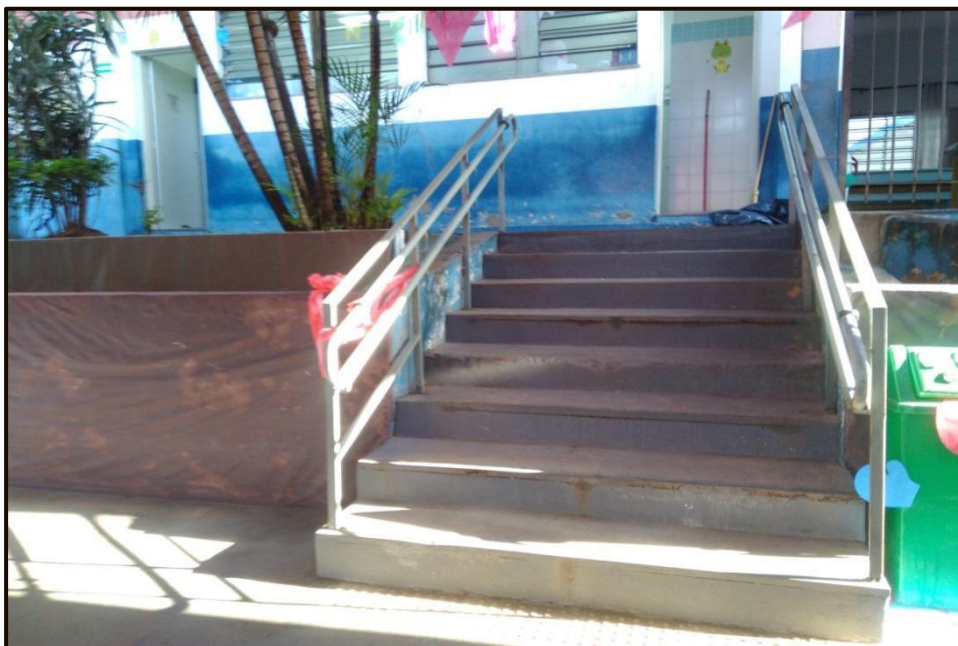
A escola, bem como sua estrutura física, está apresentada nas figuras expostas abaixo:

Figura 1 – Fachada da Escola Municipal de Educação Infantil de Presidente Prudente em que foram realizadas as atividades relatadas na presente pesquisa.



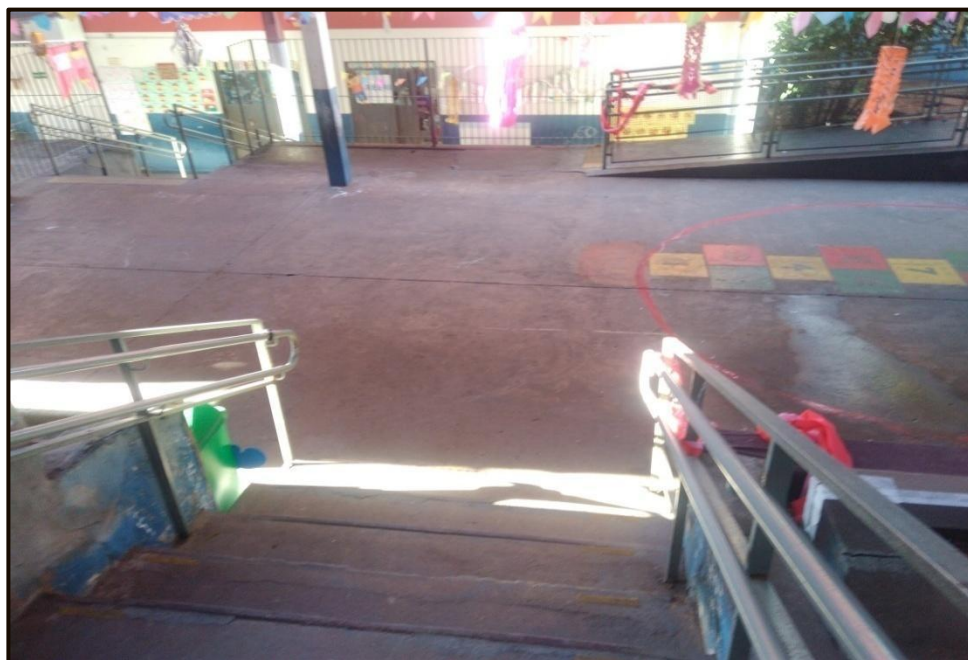
Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Figura 2 – Acesso às salas de aulas



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Figura 3 – Pátio



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Figura 4 – Corredor que dá acesso à Brinquedoteca.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Figura 5 – Rampa de acesso ao pátio e às salas de aula.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

A unidade escolar possui as seguintes dependências: 5 salas de aula, 1 sala dos professores, 1 secretaria, 1 diretoria, 1 pátio coberto, 1 sala de leitura, 1 parque, 4 banheiros (dois masculinos e dois femininos) e 1 refeitório.

A Brinquedoteca foi instalada na sala de leitura, tendo sido esse espaço revitalizado por alunos do curso de Pedagogia, que participaram do Projeto *Relações Interpessoais na Escola*, no ano de 2016.

Figura 6 – Brinquedoteca escolar



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

6.1 Procedimento

Na presente pesquisa, de natureza qualitativa, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados observações em sala de aula, entrevistas com pais e professores da criança envolvida e intervenções lúdicas com a criança na Brinquedoteca Escolar. As atividades lúdicas foram realizadas individualmente, que ocorreram uma vez por semana, com a duração aproximada de uma hora, no segundo semestre de 2016 e primeiro semestre de 2017.

O brincar foi escolhido como forma de intervenção, uma vez que a brincadeira é a maneira que as crianças encontram para comunicar seus sentimentos agressivos, conflitos, medos, sem que haja retaliação do meio. Ao brincar a criança lida de modo criativo com a realidade externa, podendo elaborar situações que lhes foram traumatizantes. Conforme Winnicott (1975), a

brincadeira da criança acontece em uma área que encontra-se entre a realidade psíquica e o mundo externo em que ela traz à brincadeira, objetos que são de sua realidade externa, utilizando-os em função de algo que advém de sua realidade interna. Em função de suas fantasias, na brincadeira, a criança trabalha com fenômenos externos, lhes atribuindo significado e sentimento.

Por meio da atividade lúdica, a criança expressa seus conflitos e, deste modo, podemos reconstruir o seu passado, assim como no adulto fazemo-lo através das palavras. Esta é uma prova convincente de que o brinquedo é uma forma de expressar os conflitos passados e presentes. (ABERASTURY, 1992, p. 17).

O brincar serve, também, para trabalhar a destrutividade da criança: somente na brincadeira um objeto pode ser destruído e restaurado, morto e trazido de volta, limpo e sujo, o que favorece a conquista da ambivalência.

Durante os encontros lúdicos, foram disponibilizadas duas caixas, que continham diversos brinquedos comuns, tais como, carrinhos de plástico, quebra-cabeça, casa de madeira com mobília, panelinhas, garfos, facas e colheres, lápis de cor, giz de cera, dentre outros, selecionados de acordo com a faixa etária da criança (ABERSTURY, 1992). A criança possuía autonomia para escolher qual brincadeira gostaria de realizar, bem como os brinquedos que utilizaria. Quando a criança convidasse, a pesquisadora participava de suas brincadeiras.

A pesquisadora apresentava um olhar atento aos brinquedos que a criança escolhera e às brincadeiras que a mesma realizava, sensibilizando-se aos sentimentos e dificuldades relacionais manifestados nesses momentos. A criança teatralizava suas experiências e impressões, sendo possível conhecer um pouco sobre ela e acolhê-la.

Figura 7 – Caixas de brinquedos disponibilizadas durante os encontros lúdicos.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Os dados obtidos foram organizados e analisados conforme os preceitos da pesquisa qualitativa, em contribuição com interpretações realizadas com base na teoria psicanalítica de Winnicott.

7 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

7.1 Caracterização do sujeito

A criança participante estudava em uma Escola Municipal de Educação Infantil, situada no município de Presidente Prudente – SP. Frequentava o Maternal II, tinha 4 anos e, por motivo ético, recebeu o nome fictício de João.

João foi encaminhado a participar da pesquisa pela professora, que relatou manifestações excessivas de agressividade "com e sem motivos", o que dificultava muito os relacionamentos da criança em sala de aula por envolver gritos e diversos tipos de ataques físicos e verbais na maior parte do tempo. A professora o considerava "*agitado, teimoso, persistente, nervoso*" e acreditava que, na tentativa de resolver os conflitos emergentes, o mesmo, acabava se envolvendo em brigas com os colegas. João não gostava de ser contrariado e, em algumas situações, apresentava "variação de humor", nas palavras da professora.

Ainda conforme relato da professora, João, em relação ao desenvolvimento cognitivo, *era “muito bom”*, porém, apresentava muitas condutas a serem trabalhadas, várias das quais estavam relacionadas à agressividade.

7.2 Entrevista com a mãe

Em entrevista com a mãe, esta informou que João morava com os pais e que enquanto estavam trabalhando, era a avó paterna quem cuidava do garoto. Relatou também, que o relacionamento do garoto com ela e com a avó era bom, sem conflitos, porém, João teria ciúmes do pai e, o pai, por sua vez, não “tinha paciência com o filho”. A mãe, mencionou também, o relato do filho, de que o pai não gostava dele, assim como, não o elogiava.

Disse que, em casa, a criança não apresentava comportamentos que pudessem ser considerados agressivos. Segundo a mãe, o problema situava-se na escola, pois, em sua casa e nos lugares que frequentavam, o menino “não apresentava conflitos”, se relacionava bem. Quando João ficava nervoso e “emburrado” em seu lar, era em consequência de quando a mãe brigava com ele ou, então, quando ele pedia alguma coisa e não tinha seu pedido atendido.

A mãe disse não se lembrar de nenhuma situação específica que aconteceu à criança ou à sua família e que teria culminado no surgimento de tais comportamentos. Conforme ela, tratava-se do “gênio” do garoto mesmo.

Diante do comportamento agressivo do filho, a mãe comentou que conversava com ele, explicando que ele estava “errado” e a criança respondia que não ia mais se comportar daquela forma. A mãe reiterou que não havia situações específicas em que a agressividade da criança aumentava, exceto quando havia reclamações da escola ou quando a criança queria alguma coisa e não tinha seu pedido atendido pelos pais.

João passava o dia todo na escola e era a avó quem o buscava. Quando estava em casa, o garoto se comportava bem, porém, apenas enquanto estava ele e a mãe. João, segundo a mãe, tinha ciúmes do pai, a ponto de ficar “grudado” junto a ela, dizendo que, iria namorá-la e que a mesma deveria se casar com ele.

A mãe relatou, também, que o garoto brincava sozinho e que gostava de brincar com carrinhos, jogar bola, ir ao parque, brincar com terra e assistir desenhos. Na escola, seu relacionamento com os colegas era caracterizado por brigas e desentendimentos, e, quando o mesmo estava com os primos, o relacionamento entre eles, era considerado bom. De acordo com a mãe, a criança era bem alegre, no entanto, na escola, ficava mais “agitada”.

No geral, o rendimento escolar do aluno era muito bom, porém, havia muitas reclamações voltadas a seu comportamento. Possuía muita facilidade para aprender. A mãe relatou ainda que João se queixava que os amigos da escola não brincavam com ele.

Discorreu também, que o garoto dormia no chão de seu quarto, pois este não dormia sozinho. No período em que a mãe esteve separada do pai (durante um ano), ressaltou que o menino dormia com ela em seu quarto. A mãe destacou algumas atitudes do garoto consideradas difíceis de lidar, sendo elas as brigas e desentendimentos constantes no contexto escolar.

A mãe se caracteriza como pessoa “nervosa, trabalhadora e simpática”. E o pai, era considerado por ela “trabalhador”, porém, “impaciente”.

Ao término da entrevista, a mãe relatou que durante o período no qual esteve separada do marido, procurou a ajuda de uma psicóloga para o garoto, no entanto, só conseguiu levar João uma vez ao atendimento.

7.3 Entrevista com a professora

A professora caracterizou João como uma criança inteligente e participativa. Relatou que o garoto sempre queria ajudar a cuidar das outras crianças, porém, agia de forma agressiva. Expressava seus sentimentos através de gritos e birras. Quando se sentia incomodado ou, para resolver algum problema, acabava gritando, chorando e batendo nos colegas.

Afirma a professora que a criança se relacionava muito bem com ela, demonstrava afeto, sendo carinhosa. Disse que frequentemente João relatava a ela os acontecimentos de seu dia-a-dia, pois o mesmo, gostava de conversar com ela. A professora reiterou que a criança se relacionava muito bem com um colega, que lhe era muito próximo. “Eles conversam e se entendem”, uma vez que as

demais crianças preferiam não se aproximar de João, para evitar os comportamentos agressivos do garoto.

Para ela, João possuía um humor variável, pois havia dias em que chegava à escola “agitado e irritado”, e, em outros, alegre. As manifestações agressivas do garoto aconteciam mediante puxões de cabelo nos colegas, birra, gritos, ataques físicos e verbais. A professora disse que a mãe e a avó paterna eram “brigadas”, tinham uma relação conflituosa entre si. Afirmou que desde a separação dos pais, o comportamento da criança havia piorado, pois, constantemente, a professora se sentia desafiada por João.

Pontuou que o relacionamento dos pais pode ter deixado o aluno abatido e triste, pois, ora os pais se separavam, ora voltavam. Percebeu, no decorrer dessa instabilidade, que o garoto ficou mais “agitado”, “irritado”, desafiando-a constantemente e, ainda, batendo em seus colegas, enfatizou a professora.

Quando a criança manifestava agressividade, para contornar a situação, a professora tentava estimular o diálogo, sempre orientando João diante de tais situações a conversar com seus colegas ou, então, com ela. Porém, muitas vezes, a professora se sentiu triste porque percebia que mais cedo ou mais tarde João voltava aos comportamentos iniciais.

A professora encerrou a entrevista afirmando que, aparentemente, a criança gostava muito de sua mãe e da avó paterna, porém, este não comentava sobre seu pai e avô. Ela percebera que a mãe era muito carinhosa com João.

7.4 Encontros lúdicos na Brinquedoteca

Os relatos dos encontros lúdicos com a criança, resumir-se-á em quadros, abordando as principais brincadeiras realizadas por ela e, apresentados em agrupamentos, os encontros lúdicos.

Quadro 1 – Resumo dos encontros lúdicos (1º ao 6º encontro).

Encontro	Brincadeiras
1º	• Ao ser convidado para a Brinquedoteca, o aluno mostrara-se curioso e inseguro; porém, aceitara. • Abrira as caixas e olhou com curiosidade os brinquedos ali presentes;

	• Contara histórias da Chapeuzinho vermelho utilizando os livros de literatura infantil, reiterando a ideia de que: <i>“o lobo ia comer a vovozinha, tentando engolir a chapeuzinho e a vovozinha, olha o tamanho do lobo!”</i> Em uma outra história, a qual havia um barco, dissera querer o barco da imagem e que pediria ao seu pai para comprá-lo. Em um outro livro sobre animais, o mesmo dissera que a pesquisadora <i>seria a coruja e ele o leão, porém o leão estava chorando, pois queria a mãe dele, e com isso, ficava bravo.</i>; • Brincara de médico e paciente; • Simulara a aplicação de injeção no braço da pesquisadora; • Boneca “Barbie”: espiara por baixo da roupa dela; • Brincara com o boneco “Batmam” presente na sala da brinquedoteca; • “Cortara” os pés do lobo da decoração da sala; • “Atirara” com um brinquedo na pesquisadora; • Não ajudara a guardar os brinquedos: conforme a pesquisadora os colocava nas caixas, a criança os retirava.
2º	• Boneca “Barbie”: levantara o vestido dela, não dissera nada; • Brincara de médico e paciente: simulara a aplicação de injeção na pesquisadora; • Brincara com o boneco Batmam; • Desenhara: pedra, baleia e arco-íris; • Mobilizara a casinha de madeira e enfiara a cabeça dentro dela dizendo que ia dormir para descansar, pois havia trabalhado muito; • Passara o serrote de plástico na cabeça da pesquisadora; • Não ajudara a guardar os brinquedos, mas, também, não os retirou das caixas enquanto a pesquisadora os estava guardando.
3º	• “Serrara” o pé do lobo da decoração da parede da Brinquedoteca; • Livros de história da Chapeuzinho vermelho e Princesa Ariel; • Brincara de trocar fralda da boneca; • Brincara de esconde-esconde atrás da casinha dos Três porquinhos; • Não ajudara a guardar os brinquedos nas caixas.
4º	• Livros: contação de história da Princesa Ariel para a

	pesquisadora, sem muita verbalização.
5º	• Quebra – cabeça; • Convidara a pesquisadora para brincar com boliche; • Pedira à pesquisadora que desenhasse uma baleia e um tubarão; • Deitara com a cabeça dentro da casinha de madeira, sem verbalização; • Brincara de esconder, pedindo à pesquisadora que o procurasse; • Não ajudara a guardar os brinquedos nas caixas.
6º	• Tirara todos os brinquedos das caixas, olhando um por um, não se fixando em nenhum; • Pegara a “Barbie” e dissera que ela era parecida com a pesquisadora e que a mãe dele usava batom, assim como a “Barbie”; • Mobilizara a casinha de madeira; • Boliche; • Brincara com os animais, reproduzindo os sons deles; • Contara histórias da Princesa Ariel e do peixe; • Brincara de esconde-esconde novamente; • Somente a pesquisadora guardara os brinquedos.

Fonte: Viviane Barrozo Manfré; Andreia Cristiane Silva Wiezzel.

Figura 8 – Caixas despertam a curiosidade do aluno no 1º encontro.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Figura 9 – Exploração das caixas de brinquedos no 1º encontro.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Figura 10 – Inconstância nas brincadeiras do 6º encontro.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Como exposto no quadro, apesar da insegurança diante do convite, no primeiro encontro, João de imediato apanhou os brinquedos, não se apresentou receoso ao abrir as caixas, no momento, a sua curiosidade foi despertada. João, expôs-se ser uma criança bastante comunicativa, em determinados momentos, convidava a pesquisadora para participar das brincadeiras. De início explorou

todos os brinquedos de uma vez, com muita pressa, assim como agia em sala de aula. Não ajudou a pesquisadora a guardar os brinquedos, por não querer interromper a atividade.

No segundo encontro percebeu a existência da imagem de um lobo - remetendo à história de Chapeuzinho Vermelho - na parede da biblioteca, demonstrando certo incômodo. Em seguida, pegou o serrote de plástico e começou a "serrar os pés do lobo", sendo essa, a brincadeira preferida do encontro, na qual foi possível dar bastante vazão à agressividade. Na brincadeira com a casinha, expressava um conflito inicial a ser investigado, relacionado à necessidade de "descanso". Não queria finalizar a atividade, mas também, não tentava impedir a pesquisadora ao guardar os brinquedos.

No encontro seguinte, o primeiro ato na biblioteca, foi, à procura pela imagem do lobo. Escondia-se atrás da "casinha dos três porquinhos" (casinha de fantoches) para tentar atirar brinquedos no lobo. Na sequência pegou o serrote de plástico e simulou "serrar" a cabeça da pesquisadora, sem verbalizações. Percebe-se, ainda, a alternância entre brincadeiras com exploração de brinquedos e, também, expressão de sentimentos e conflitos. No encontro mencionado, não houve a aceitação do fim da atividade lúdica.

No quinto encontro, demonstrou uma maior aproximação afetiva da pesquisadora, ao convidá-la para participar de um jogo de boliche. Deitou dentro da casinha de bonecas de madeira, sem verbalização, demonstrando necessidade de acolhimento. No encontro seguinte, voltou a realizar as brincadeiras de exploração dos objetos, alternando com as brincadeiras já realizadas de expressão de sentimentos. Uma das principais mudanças apresentada pela criança, consistiu em fazer menção direta à mãe.

Percebe-se, no início dos encontros, João não quis interromper a atividade lúdica, porém, ao longo do tempo, este foi mostrando que, além do brincar, não tencionando interromper o contato com a pesquisadora, porém, paulatinamente, começou a aceitar as regras e ajudar a guardar os brinquedos.

No momento em que se escondia atrás da "casinha dos três porquinhos", esperava um escudo, uma proteção para que pudesse "atacar" o lobo. A figura o fazia sentir medo e frequentemente solicitava à pesquisadora que se escondesse junto a ele, atrás da casinha, e antes que o lobo atacasse, ficava sob proteção da

primeira. João demonstrava querer enfrentar sua dificuldade interior, havendo, em si, iniciativa. Porém, precisava de um apoio, o qual, foi oferecido prontamente a ele. A criança vivia na defensiva: atacava aquilo que a provocava medo.

A alternância entre brincadeiras de exploração e expressão de sentimentos, podem ser observadas, dentre outros aspectos, nos encontros lúdicos abaixo.

Quadro 2 – Resumo dos encontros lúdicos (7º ao 11º encontro).

Encontros	Brincadeiras
7º	• Brincara com os animais, reproduzindo os sons deles; • Brincara de médico e paciente: simulara a aplicação de injeção na pesquisadora; • Brincara de mobiliar a casinha e colocara a cabeça dentro dela; • Brincara de pega-pega.
8º	• Viera ao encontro da pesquisadora sorrindo e abraçando-a; • Brincara de esconde-esconde; • Brincara de trenzinho, dizendo que dentro dele só caberiam duas pessoas: ele e a pesquisadora; • Brincara com o “Homem de ferro”; • Pegara uma onça, dizendo que a onça era sua mãe e que atacava uma girafa. • Brincara com o trenzinho; • Contara histórias para a pesquisadora, dentre as histórias contadas, estavam: Chapeuzinho Vermelho; uma história sobre um barco e outra história em que ele era um leão que estava chorando porque queria a mãe dele e por isso estava bravo; • Guardara os brinquedos nas caixas e aceitara voltar para a sala de aula como se ele tivera feito o que deveria fazer: <i>agora podemos voltar para a sala</i> - disse ele.
9º	• Tivera iniciativa de pegar e manusear os objetos das caixas; • Interesse pelos livros; • Ao invés de deitar a cabeça na casinha, nesse dia, mobiliara a casinha; • Brincara de esconder carrinhos na massinha; • Brincara de fazer bolhas de sabão e estourá-las;

	• Homem de ferro; • Serrara a parede com o serrote de plástico; • Instrumentos de médico: a pesquisadora fora a paciente e a criança a médica; • Carro de polícia; • Inicialmente a criança recusara-se a ajudar a guardar os brinquedos.
10º	• Tartaruga ninja; • <i>Batmam</i>; • Homem de ferro; • Serrote; • Bolha de sabão (pedira para a pesquisadora estourar as bolhas); • Boneco de neve do filme <i>Frozen</i>; • Denominara um tabuleiro como cama e disse que: <i>“A cama é de crianças e as crianças e a mamãe que dorme nela”</i> • Massinhas: pedira ajuda para pesquisadora para abrir os potes; • Convidara a pesquisadora para fazer um bolo; • Bolha de sabão; • Livros; • Tubarão: <i>“Olha o tubarão, ele come peixes. O tubarão está tentando pegar a mãe dele”</i>; • Lagartixa: <i>“Minha vó tem uma lagartixa, Viviane”</i>; • Mordera a bola de plástico; • Mobiliara a casinha; • <i>Batmam</i>; • Homem de ferro; • Simulara o barulho de tiro e dissera: <i>“Morreu a lagartixa”</i>.
11º	• No caminho para a brinquedoteca, a criança disse: <i>“Viviane, eu adoro muito você!”</i>; • Massinha: empilhara os potes; • Bolhas de sabão e a pesquisadora estourando-as; • Dissera o garoto: <i>“A minha mãe chama Ariane, essa cama é dela”</i>. • Bolha de sabão; • Massinha; • Homem de ferro e <i>Batmam</i>; • <i>“A lagartixa subiu em cima da casa. A casa chama mãe do bebê. A lagartixa vai dormir em cima da casa da mãe”</i>.

	<i>para descansar”;</i> • Massinha; • Bolha de sabão; • A criança ajudara a guardar os brinquedos.
--	---

Fonte: Viviane Barrozo Manfré; Andreia Cristiane Silva Wiezzel.

Figura 11 – Brincando com massa de modelar no 9º encontro.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Figura 12 – Brincadeira de mobiliar a casinha no 11º encontro.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

As brincadeiras descritas no quadro acima, evidenciam a alternância entre brincadeiras de exploração e expressão de sentimentos, tendo o garoto estreitado

ainda mais sua interação e contato afetivo com a pesquisadora. Nas brincadeiras teatralizava os sentimentos ambivalentes pela mãe, de amor e de raiva, próprios da idade.

Além disso, o garoto explorava diversos livros que estavam presentes na prateleira da sala, mas não solicitava a contação da história. João se interessava, também, por consertar com o martelo, uma ponte (construída com peças do quebra-cabeça) e de mobiliar a grande casinha de madeira que se encontra na biblioteca. Depois que a casinha estava "arrumada" ele literalmente introduzia a cabeça dentro da mesma e dizia que iria dormir/descansar, uma vez que, tinha trabalhado muito consertando a ponte.

João, em um dos encontros lúdicos, pegou um brinquedo que simboliza uma onça e disse que se tratava de sua mãe. Este seria o tigre, porém, ambos "pegariam" os outros animais. Na sequência começou a representar atos hostis da onça contra uma girafa, pegou um boi (que representava a si próprio) e disse que ele havia matado a onça.

A pesquisadora, diante da recusa de João ao encerrar os encontros, sempre reafirmava que eles voltariam a brincar na semana seguinte e, aos poucos, começou a ter confiança de que esta retornaria. A criança, nesse momento de seu brincar, passou a integrar uma brincadeira à outra, como por exemplo, escondia alguns carrinhos dentro da massinha e elaborava histórias envolvendo os brinquedos.

João expressava possuir vínculo com a pesquisadora, sentindo confiança ao expor seus sentimentos. Em entrevista com a mãe da criança, esta declarou que ela e a criança dormiam na mesma cama, assim como João havia demonstrado na brincadeira com o tabuleiro.

À medida que o garoto manuseava os livros, a pesquisadora observou que este não o fazia com a intenção de que lhe fossem contadas histórias, mas com a intenção de contar sua própria história. Utilizava os livros como instrumento para ter a oportunidade de falar sobre sua vida, as coisas das quais gostava e as que o desagradavam.

Particularmente, as histórias contadas pelo garoto, iam ao encontro de seus medos, receios ou aspectos fantasiosos. Através das histórias, eram expostas tensões internas, as quais se expressaram, inicialmente, por meio da

persecutória imagem do lobo, que representava a figura do pai de João. Através da evolução das brincadeiras, João expressava seus conflitos de forma cada vez mais clara, como na brincadeira mencionada, onde este, “colocava” sua cabeça dentro da casinha de madeira. Esse brincar específico, revelou um desejo de aproximação física com o corpo da mãe, sentindo a sua ausência enquanto estava em ambiente escolar.

Quadro 3 – Resumo dos encontros lúdicos (12º ao 15º encontro).

Encontros	Brincadeiras
12º	• Empilha potes de massinha de modelar; • A pesquisadora tem que estourar as bolhas de sabão; • Homem de ferro e Batmam; • Livro: apenas folheia; • Martela brinquedos; • Enterra a cabeça do Homem de ferro e do Batmam nas massinhas; • Enterra carrinhos nas massinhas; • A criança dissera: <i>“olha Viviane, eu me machuquei ontem (estava correndo e cai)”</i>; • Convidara a pesquisadora para fazer um bolo de massinha; • Pegara a coroa de princesa. A pesquisadora pergunta: <i>“Quem vai usar esta coroa?” Ele responde: - Você, Viviane”</i>; • <i>Batmam</i> e Homem de ferro; • Guardara apenas as massinhas.
13º	• Potes de massinha; • Homem de ferro e Batmam; • Massinha; • Tabuleiro que a criança nomeara de cama; • Pegara as massinhas e as colocou em cima da cama (tabuleiro) para dormir; • Brincara de médico; • Cortara as massinhas com a tesoura de plástico; • Brincara de passar o vestido do fantoche da <i>Chapeuzinho Vermelho</i>; • <i>“Eu gosto muito de você!”</i>; disse à pesquisadora. • Brincara de avião; • Livro de histórias;

	• Pegara uma lagartixa de plástico e a grudara na parede com a massinha; • Livro de história da <i>Chapeuzinho Vermelho</i> (não quis que a pesquisadora contasse a história); • Avião de papelão; • Não ajudara a guardar os brinquedos das caixas.
14º	• Manuseara a massinha sem verbalização; • Homem de Ferro; • Bolha de sabão, pedindo para pesquisadora que as estourasse; • Martela a massinha: sem verbalização. • Livros de histórias: peixe, sereia, bruxa, baleia- conta história à pesquisadora. • Ajudara a guardar os brinquedos na caixa. Disse: <i>Já está dando nossa hora né!</i>
15º	• Marteladas nas massinhas; • Batman: enterra a cabeça dele na massinha e tira novamente... Cabeça reaparece como mágica. • Começara a reproduzir uma situação envolvendo tubarões, mas não chegara a finalizar, ele mesmo guardara as massinhas nos potes. • Deitara na caixa dos brinquedos que esvaziou. • Guardara apenas as massinhas.

Fonte: Viviane Barrozo Manfré; Andreia Cristiane Silva Wiezzel.

Figura 13 – Brincando com massinha no 12º encontro.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

A criança começou a colocar a pesquisadora na posição de uma rainha. A rainha, por sua vez, equivalia à mãe. João estava vivenciando com a pesquisadora algo que remetia à sua relação com a mãe, ou que vivia, porém, julgava insuficiente. Quando o garoto começava a guardar as massinhas, aceitava “ganhar e perder a pesquisadora”, pois, já havia elaborado que a “separação” seria temporária e confiava em seu retorno.

Quando a criança pegava a lagartixa de plástico e a grudava na parede com a massinha, foi simbolizado, novamente, o desejo de ter um contato físico com o corpo da mãe, podendo, até mesmo, ser algo relacionado ao processo de amamentação. A lagartixa tratava-se de João. O fato dele não ter ajudado a guardar os brinquedos das caixas nesse dia mostrou que estava em conflito, mais uma vez, com suas inseguranças maternas. A partir do momento em que conseguiu estabelecer vínculo, em alguns aspectos maternos com a pesquisadora, as suas necessidades amenizaram-se e passou a não temer o final dos encontros lúdicos. João estava conseguindo utilizar o brincar à serviço de suas necessidades afetivas.

Quadro 4 – Resumo dos encontros lúdicos (16º ao 19º encontro).

16º	• Martelara massinha; • Mobiliara a casa; • Empilhara potes de massinha e derrubara a torre; • Fizera tubarões com massinha de modelar e os amassou, apertou, destruiu; • Fizera um desenho para a professora: baleia e tubarão; • Na hora de ir embora somente guardara as massinhas.
17º	• Fizera tubarões com a massa de modelar; • Empilhara os potes de massinha e os derrubou; • Batmam; • Carro de polícia; • Batera o carro de polícia nos potes de massinha; • Criança percebera a falta da hélice no avião de papelão e se lembrou de que tinha sido o mesmo que “estragou”; • Homem de ferro matou a onça; • Guardara somente as massinhas.

18º	• Massinha; • Batmam; • Verbalizava as brincadeiras; • Assumira que arrancara a cauda e as asas do avião de papel, porque tinha medo do barulho. • Massa de modelar; • Serrote; • Martelo; • Começara a fazer barulhos e pediu para a pesquisadora fechar os ouvidos, pois era uma surpresa: apertava o peixinho de borracha para sair o som, jogava o pratinho no chão. • Concordara em ajudar, mas não guardara os brinquedos e perguntou se voltariam a brincar “amanhã”.
19º	• Brincara com a maleta de médico, sem verbalizações; usou injeção. • Fizera bolo com massinha e o cortou com a faca, dizendo que "O pedaço maior era para a mãe". • Não ajudara a guardar os brinquedos: perguntou se não poderia levá-los para os amigos brincarem, também, na sala de aula.

Fonte: Viviane Barrozo Manfré; Andreia Cristiane Silva Wiezzel.

Figura 14 – Brincando com o carro de polícia no 17º encontro.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Figura 15 – Modelando massinha no 18º encontro.



Fonte: Viviane Barrozo Manfré.

Dentre as brincadeiras, sem dúvida, o que mais destacou-se foi, o ato de João ter assumido a responsabilidade pela destruição de partes do avião de papelão, constituindo um primeiro passo na evolução do desenvolvimento emocional e na agressividade, para Winnicott (2005). Nos encontros, não quis, interromper a atividade, acreditava-se por estar utilizando o brincar na resolução de seus conflitos.

No último encontro lúdico João fez um bolo, dizendo que o primeiro pedaço seria de sua mãe, exteriorizando uma amenização de seu mal estar com a mesma. Ainda no mesmo dia, e conforme descrito no quadro, João não quis guardar os brinquedos, pois o mesmo pretendia compartilhá-los com seus amigos. Isto evidenciou que o garoto estava querendo se aproximar dos amigos, dividir com eles algo bom.

Verifica-se que foi notório o salto qualitativo nas relações interpessoais de João, tendo em vista que, quando iniciou o projeto, praticava ataques físicos, verbais, gritos e birras na maior parte do tempo em que ficava na instituição, o que resultavam em muitas reclamações por parte da professora, dos pares e dos responsáveis dos colegas de sala acerca do garoto.

Após a participação no projeto, com base nas informações obtidas pela professora, o garoto mudou seu modo de se comportar e reagir frente às situações de conflitos, uma vez que seu relacionamento com seus pares melhorou muito, a ponto das reclamações amenizadas de forma significativa.

No que se refere às manifestações agressivas, a professora disse, também, que essas estavam acontecendo em menor proporção, em situações isoladas, na perspectiva dela como uma forma de reagir às provocações dos colegas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Winnicott (2005), a agressividade dificilmente está relacionada a um único fator. Porém, o autor ressalta sempre a presença de uma lacuna nas relações afetivas iniciais da criança marcada por rompimentos ou ausências maiores do que esta pode suportar. Assim que nasceu, João ficou por um algum tempo sendo cuidado por sua mãe e passou a ser cuidado pela avó paterna, aos quatro anos passa a frequentar a escola em tempo integral e, claramente, tentava-se adaptar a essa nova realidade.

Em meio a tudo isso, uma criança com pais em um relacionamento em crise, com términos e retornos, e um estremecimento de relações entre a mãe e a avó paterna, que sempre cuidou do garoto. Além disto, por conta da própria faixa etária, João está passando pelo Complexo de Édipo, tendo que viver conflitos inerentes a todas essas situações simultaneamente.

Em meio a esse processo, ficam justificadas a insegurança, o medo, a desconfiança, o amor, a raiva, a agressividade ainda não bem direcionada, a hostilidade, a desconfiança, a culpa, o sentimento de ser perseguido.

Entende-se que as manifestações de agressividade no ambiente escolar indicam a presença de fatores que se tornaram obstáculos para que o desenvolvimento emocional de João flua, fazendo com que ele reaja, em busca de auxílio e, por algum motivo, elegeu a escola para isto.

Considerando a escola um espaço de formação, visando a assegurar o desenvolvimento integral do educando, esta acaba influenciando diretamente à formação do sujeito. Winnicott (1982) argumenta que a criança, ao adentrar o

grupo escolar, ainda necessita de cuidados que estejam muito próximos aos cuidados maternos, porém adverte:

A escola, que é um apoio, mas não uma alternativa para o lar da criança, pode fornecer oportunidade para uma profunda relação pessoal com outras pessoas que não os pais. Essas oportunidades apresentam-se na pessoa da professora e das outras crianças e no estabelecimento de uma tolerante, mas sólida, estrutura em que as experiências podem ser realizadas. (WINNICOTT, 1982, p.217).

A partir da análise dos dados e da teoria estudada, pode-se concluir que João encontrou nas brincadeiras a possibilidade de trabalhar sentimentos e conflitos que estava tendo, repetindo no brincar as situações cotidianas, trabalhando com dados da realidade, da fantasia, e, ainda, se divertindo. Portanto, o brincar é uma atividade privilegiada ao desenvolvimento emocional e a criança precisa ter oportunidades e ser estimulada a brincar no lar e na escola.

O brincar de João revelou um desejo de aproximação com a mãe, que possa ser acalentado, ganhar um colo, se sentir acolhido por ela. João sente saudades da mãe e, às vezes, apresentava-se “bravo” em sala de aula por conta desse sentimento. No presente trabalho foi referida apenas uma parte de seus conflitos, que se materializam em suas relações interpessoais na escola.

Como a linguagem das crianças ainda não está plenamente desenvolvida, cabe à escola orientar a criança acerca da importância do diálogo e, à professora, observando conflitos mais sérios entre as crianças, interferir no sentido de orientá-las. Algo frequente e que em nada auxilia as crianças no desenvolvimento da socialização nessa faixa etária é deixar que "elas mesmas se resolvam". As crianças precisam ser orientadas sobre formas construtivas de resolução de conflitos para que, posteriormente, cada uma, a seu tempo, as coloquem em prática.

Por meio de seu brincar, João se sentiu mais fortalecido, mais seguro, tendendo a se responsabilizar gradualmente pela sua agressividade, amparado pela pesquisadora. Ao longo da pesquisa, João passou por vários momentos em seu brincar, sendo estes: 1º momento: o brincar para extravasar a agressividade; 2º momento: teatralização de questões de vida e os conflitos pelos quais estava passando; 3ª momento: brincadeiras de expressão e início de elaboração de

conflitos; 4º momento: enfrentamento de conflitos (brincadeiras em que tenta encontrar soluções para os conflitos ou demonstra já ter encontrado) e 5º momento: brincadeiras leves, sem o peso de grandes conflitos emocionais.

Cumpramos ressaltar que os momentos do brincar de João foram expostos dessa forma com o objetivo de tornar mais fácil o entendimento do (a) leitor (a), o que significa dizer que não estamos com isso querendo dizer que os referidos momentos do brincar de João sejam estanques.

O brincar se apresentou como uma forma de amenizar as tensões que faziam com o que o garoto manifestasse agressividade em sala de aula, recurso que pode ser utilizado pelo professor no trabalho com os aspectos emocionais da criança, além da orientação:

[...] a professora deve, por vezes, proteger as crianças delas próprias e exercer o controle e orientação necessários na situação imediata; e, além disso, assegurar o fornecimento de atividades lúdicas satisfatórias para canais construtivos e para adquirir habilidades eficazes. (WINNICOTT, 1982, p. 223).

Quanto mais cedo os pais e professores compreenderem os aspectos emocionais das crianças que manifestam agressividade, mais fácil se tornará lidar com elas, tanto em seus lares quanto no contexto escolar.

9 REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **A criança e seus jogos**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

BAGGIO, A M. B. **Psicologia do Desenvolvimento**. 8 ed. Petrópolis, Vozes, 1985.

BRASIL. **Resolução CNE/CBE n. 4/2010**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília, 2010.

FREUD, S. **O mal-Estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

TRIVINOS, A. N. S. Pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-133.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 2000.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 125.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

10 ANEXO

FACULDADE DE CIÊNCIAS E
TECNOLOGIA - UNESP/
CAMPUS DE PRESIDENTE

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Crianças agressivas e tímidas na escola: investigação e intervenção por meio do lúdico
Pesquisador:
Versão: Andreia Cristiane Silva Wiezzel
CAAE: 1
31996114.5.0000.5402
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 045860/2014
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Endereço: Rua Roberto Simonsen, 305

Bairro: Centro Educacional

CEP: 19.060-900

UF: SP

Município: PRESIDENTE PRUDENTE

Telefone: (18)3229-5315

Fax: (18)3229-5353

E-mail: cep@fct.unesp.br